

## FORÇAS ARMADAS

# Pela paz mundial

Mulheres do Exército brasileiro fazem história em missões especiais da ONU, comprovando a importância da presença feminina na carreira militar. Neste ano, 10 brasileiras estão no exterior; conheça o trabalho delas

» MARINA RODRIGUES

A participação feminina nas operações de paz da Organização das Nações Unidas (ONU) tem aumentado ao longo dos anos, especialmente após a implementação da Resolução 1325, em 2000, que reconheceu a importância das mulheres na prevenção e na resolução de conflitos. Desde 2003, quando a primeira brasileira integrou uma missão de paz pelo Exército, 441 outras militares já representaram o país em diversas missões internacionais.

Atualmente, 10 delas estão em regiões vulneráveis da África e do Oriente Médio. Identificadas pelos capacetes azuis, elas desempenham papéis essenciais, como observadoras de campo, conselheiras de gênero, comissárias de polícia e instrutoras, contribuindo não apenas para a segurança, mas para a aproximação com as comunidades locais. O trabalho desempenhado por elas também inspira mulheres e meninas de diferentes culturas, muitas vezes, sem poder de fala ou autonomia para se expressar, estudar ou se desenvolver profissionalmente.

As militares são: tenente-coronel Márcia Holanda, major Natália Meziat e capitão Jacqueline Ribeiro, engajadas na Missão das Nações Unidas para o Referendo no Saara Ocidental (Minurso); capitães Leciane Dias, Santos de Lima e Letícia Maciel, no Sudão do Sul (Unmiss); major Ana Martins e capitão Renata Simões, na Missão Multidimensional Integrada da ONU para a Estabilização da República Centro-Africana (Minusca); capitão Priscilla Farias, na Missão das Nações Unidas na República Democrática do Congo (Monusco); e major Ludmila Santos, dedicada à missão da ONU para apoiar o Acordo de Hudaydah (Unmha), no Iêmen. Nesta edição, conheça a trajetória de algumas delas.

Fotos: Arquivo pessoal



Capitão Jacqueline Ribeiro, 48 anos, está trabalhando como observadora militar no Saara Ocidental

## Propósito unificado

Criada em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, a capitão Jacqueline Ribeiro Santos, 48 anos, sempre admirou a carreira militar, tendo fortalecido seu interesse pelas Forças Armadas ao assistir aos desfiles de 7 de Setembro. “Ver toda aquela disciplina, ordem, os uniformes impecáveis,

era lindo, mas as oportunidades para o sexo feminino praticamente não existiam.”

Formada em letras pela Universidade Unigranrio Afya, encontrou no quadro complementar de oficiais do Exército a chance de unir sua paixão pelo ensino com o desejo de servir o país. Após 5 anos de preparação, em 2010, foi aprovada na seleção e, no ano

seguinte, ingressou no Curso de Formação de Oficiais (CFO), iniciando sua jornada na área do magistério militar.

No Centro de Idiomas do Exército (CIDEx), treinava militares para missões no exterior, o que despertou seu interesse por operações de paz. Para se qualificar, fez cursos do Instituto para Treinamento em Operações de

Paz (Poti) até ser selecionada, em 2023, para integrar a missão da ONU no Saara Ocidental.

Desde setembro de 2024, está trabalhando como observadora militar na Minurso, no Saara Ocidental, enfrentando uma rotina com diversos desafios, como patrulhas extensas em ambientes hostis. “É uma experiência totalmente diferente de tudo o que já vivi. Pessoas de todo o mundo engajadas num único propósito. Todos nós deixamos algo para trás em prol de algo maior, do coletivo”, afirma Jacqueline.

Para ela, o maior obstáculo é a distância da família, mas a sensação de contribuir para a paz compensa qualquer dificuldade. “Sempre lembro de onde vim e de onde estou. Através do meu trabalho, quero honrar o meu nome, o da minha família e a confiança do meu país que me enviou”, declara a militar.

## Aprendizado constante

Natural do Rio de Janeiro e atualmente servindo em Santa Maria (RS), a major farmacêutica Ludmila Santos Manhães, 47, sempre sonhou com as Forças Armadas, mesmo sem ter militares na família. Antes de ingressar na faculdade, almejava uma carreira no Exército, desejo que se concretizou em 8 de março de 2004, quando iniciou sua trajetória na corporação. Hoje, com 21 anos de serviço, ela atua como observadora militar na Missão das Nações Unidas para Apoiar o Acordo de Hudaydah (Unmha), no Iêmen.

Ser voluntária para uma missão de paz sempre esteve em seus planos, impulsionada pelo desejo de contribuir para a estabilidade global e aprender em um ambiente de grande diversidade cultural. Desde o início da missão, em 2024, ela tem enfrentado desafios significativos, como a barreira do idioma — a população local fala predominantemente árabe — e a adaptação alimentar. “A comida é muito